

AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS E O OBJETIVO 9 DAS ODS

CREATIVE INDUSTRIES AND ODD'S GOAL 9

INDUSTRIAS CREATIVAS Y EL OBJETIVO 9 DE ODD

Albérico Paes Barreto Barros¹, Giovana Sátiro Rodrigues de Moura², Maria Luisa Monteiro de Melo Almeida³, Rafael Campos Rangel⁴

RESUMO

O artigo aborda a relação entre as Indústrias Criativas e o Objetivo 9 da Agenda 2030 da ONU, que visa promover infraestrutura resiliente, industrialização inclusiva e inovação. Destaca como a Economia Criativa surge a partir de transformações econômicas e sociais desde os anos 1970, valorizando conhecimento, cultura e inovação. Exemplos como o Porto Digital, o Espaço Criadouro (Recife) e a Casa Criatura (Olinda) ilustram como Clusters Criativos promovem desenvolvimento urbano, inclusão social e revitalização cultural. A criação de políticas públicas voltadas à Economia Criativa é fundamental para fortalecer essas iniciativas, gerando impacto positivo nos territórios. A Cidade Criativa, nesse contexto, torna-se um espaço de inovação e cidadania, transformando-se em um polo de desenvolvimento sustentável e integrado. Apesar dos avanços, desafios como baixa escolaridade, falta de infraestrutura e políticas instáveis limitam os resultados. Ainda assim, os Clusters Criativos se apresentam como estratégias eficazes para o desenvolvimento urbano e socioeconômico sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Criativa; Indústrias Criativas; Clusters Criativos; Espaço Criadouro; Casa Criatura.

ABSTRACT

The text addresses the relationship between Creative Industries and Goal 9 of the UN 2030 Agenda, which aims to promote resilient infrastructure, inclusive industrialization, and innovation. It highlights how the Creative Economy emerged from economic and social transformations since the 1970s, valuing knowledge, culture, and innovation. Examples such as Porto Digital, Espaço Criadouro (Recife), and Casa Criatura (Olinda) illustrate how Creative Clusters promote urban development, social inclusion, and cultural revitalization. The creation of public policies focused on the Creative Economy is essential to strengthen these initiatives, generating a positive impact on the territories. The Creative City, in this context, becomes a space for innovation and citizenship, transforming itself into a hub of sustainable and integrated development. Despite the advances, challenges such as low education levels, lack of infrastructure, and unstable policies limit the results. Even so, Creative Clusters present themselves as effective strategies for sustainable urban and socioeconomic development.

KEYWORDS: Creative Economy; Creative Industries; Creative Clusters; Espaço Criadouro; Casa Criatura.

¹ Mestre em Indústrias Criativas - UNICAP. Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: alberico.paesbarreto@unicap.br

² Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: giovanna.00000032612@unicap.br

³ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: maria.00000032665@unicap.br

⁴ Mestre em Desenvolvimento Urbano - UFPE. Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: rafael.rangel@unicap.br

SUBMETIDO EM: 27/06/2025

ACEITO EM: 17/11/2025



RESUMEN

El texto aborda la relación entre las Industrias Creativas y el Objetivo 9 de la Agenda 2030 de la ONU, que busca promover infraestructura resiliente, industrialización inclusiva e innovación. Destaca cómo la Economía Creativa emergió de las transformaciones económicas y sociales desde la década de 1970, valorando el conocimiento, la cultura y la innovación. Ejemplos como Porto Digital, Espaço Criadouro (Recife) y Casa Criatura (Olinda) ilustran cómo los Clústeres Creativos promueven el desarrollo urbano, la inclusión social y la revitalización cultural. La creación de políticas públicas enfocadas en la Economía Creativa es esencial para fortalecer estas iniciativas, generando un impacto positivo en los territorios. La Ciudad Creativa, en este contexto, se convierte en un espacio para la innovación y la ciudadanía, transformándose en un polo de desarrollo sostenible e integrado. A pesar de los avances, desafíos como los bajos niveles educativos, la falta de infraestructura y las políticas inestables limitan los resultados. Aun así, los Clústeres Creativos se presentan como estrategias efectivas para el desarrollo urbano y socioeconómico sostenible.

PALABRAS CLAVE: Economía Creativa; Industrias Creativas; Clusters Creativos; Espaço Criadouro; Casa Criatura.

INTRODUÇÃO

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) consistem em um conjunto de 17 metas globais, estabelecidas pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2015, após décadas de discussões e trabalho entre seus 193 Estados Membros e a sociedade civil global. Os ODS representam um plano de ação universal para erradicar a pobreza extrema e a fome, garantir educação de qualidade ao longo da vida para todos, proteger o planeta e promover sociedades pacíficas e inclusivas até 2030. Eles abordam questões sociais e econômicas cruciais, como pobreza, fome, saúde, educação, mudanças climáticas, igualdade de gênero, água, saneamento, energia, urbanização, meio ambiente e justiça social, tendo a sustentabilidade como seu princípio central. Os ODS também incluem objetivos específicos voltados à proteção de crianças e adolescentes, à educação infantil e à redução das desigualdades. Embora os objetivos sejam amplos e interdependentes, cada um possui uma série de metas específicas a serem alcançadas. A concretização das 169 metas propostas indicará o seu êxito ao atingir os 17 objetivos estabelecidos (NAÇÕES UNIDAS BRASIL; UNICEF BRASIL).

O "Agenda 2030", lançado em 2015, apresentou os ODS como uma "visão extremamente ambiciosa e transformadora", demandando "passos ousados e transformadores" com "escala e ambição" (NAÇÕES UNIDAS BRASIL). As medidas para proteger os oceanos e os ecossistemas, criar cidades sustentáveis, investir em energia e infraestrutura, fortalecer instituições e estabelecer parcerias terão impacto duradouro nas gerações futuras. Destaca-se que os ODS têm o potencial de estabelecer normas abrangentes e transversais, integrando considerações sociais e ambientais em novas definições de desenvolvimento.

Entre os 17, este estudo foca no Objetivo 9 - "Indústria, Inovação e Infraestrutura", que visa a construção de uma infraestrutura resiliente, a promoção de uma industrialização inclusiva e sustentável, e o estímulo à inovação, e estabelece como diretrizes:

- Desenvolver infraestrutura de qualidade, confiável, sustentável e resiliente, incluindo infraestrutura regional e transfronteiriça, para apoiar o desenvolvimento econômico e o bem-estar humano, com foco no acesso equitativo e a preços acessíveis para todos;
- Promover a industrialização inclusiva e sustentável e, até 2030, aumentar significativamente a participação da indústria no setor de emprego e no PIB, de



acordo com as circunstâncias nacionais, e dobrar sua participação nos países menos desenvolvidos;

- Aumentar o acesso das pequenas indústrias e outras empresas, particularmente em países em desenvolvimento, aos serviços financeiros, incluindo crédito acessível e sua integração em cadeias de valor e mercados;
- Até 2030, modernizar a infraestrutura e reabilitar as indústrias para torná-las sustentáveis, com eficiência aumentada no uso de recursos e maior adoção de tecnologias e processos industriais limpos e ambientalmente corretos; com todos os países atuando de acordo com suas respectivas capacidades;
- Fortalecer a pesquisa científica, melhorar as capacidades tecnológicas de setores industriais em todos os países, particularmente os países em desenvolvimento, inclusive, até 2030, incentivando a inovação e aumentando substancialmente o número de trabalhadores de pesquisa e desenvolvimento por milhão de pessoas e os gastos público e privado em pesquisa e desenvolvimento;
- Facilitar o desenvolvimento de infraestrutura sustentável e resiliente em países em desenvolvimento, por meio de maior apoio financeiro, tecnológico e técnico aos países africanos, aos países menos desenvolvidos, aos países em desenvolvimento sem litoral e aos pequenos Estados insulares em desenvolvimento;
- Apoiar o desenvolvimento tecnológico, a pesquisa e a inovação nacionais nos países em desenvolvimento, inclusive garantindo um ambiente político propício para, entre outras coisas, a diversificação industrial e a agregação de valor às commodities;
- Aumentar significativamente o acesso às tecnologias de informação e comunicação e se empenhar para oferecer acesso universal e a preços acessíveis à internet nos países menos desenvolvidos, até 2020.

(NAÇÕES UNIDAS BRASIL).

É nesse contexto em que se apresentam as Indústrias Criativas como vetores de transformação socioeconômica e ambiental.

A ECONOMIA CRIATIVA E AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS

A partir da década de 1970, a percepção de que mudanças estruturais na economia estavam em curso – sobretudo com alterações nos modos de produção e consumo em decorrência, principalmente, da globalização dos mercados e dos avanços tecnológicos nas áreas de informação e comunicação – deflagrou um movimento de reestruturação econômica e, por consequência, social. Consistiu, basicamente, na reorganização dos sistemas de gestão dos processos produtivos, possibilitando uma descentralização e uma maior racionalização com o surgimento de novos modelos de negócios, com ou sem fins lucrativos.

Essa confluência de fatores impulsionou a formação de uma nova economia, baseada na valorização do conhecimento como ativo econômico. Sua relação com a formação de aglomerados produtivos em determinados territórios – que trazem, além do impulso econômico, o resgate da história e da cultura, a requalificação do patrimônio das cidades e a afirmação da cidadania, com potencial de transformação econômica e social – tornou-se fator relevante para pesquisas que se propunham a ampliar a discussão sobre o fenômeno, reiterando a urgência de um novo olhar sobre políticas públicas específicas relacionadas ao tema.

Entre as décadas de 1980 e 1990, iniciou-se a discussão e o aprofundamento sobre os temas “economia criativa”, “indústrias criativas” e “cidades criativas”, sobretudo na Austrália, Reino Unido, Estados Unidos



e Canadá, por profissionais relacionados às áreas de economia, sociologia e urbanismo. Estas discussões enfocam a valorização do conhecimento, da criatividade e da inovação como novos ativos econômicos.

É imprescindível ressaltar a necessidade de ampliar o conhecimento sobre os conceitos que relacionam Economia Criativa e Indústrias Criativas à transformação das cidades em criativas, considerando a formação de aglomerados produtivos (*clusters criativos*) em seu território como um dos principais atores no processo. A Economia Criativa ao produzir benefícios aos setores de serviços e manufaturas relacionados, promovendo a diversificação econômica, é capaz de reativar área urbanas decadentes, desenvolver áreas rurais remotas e promover a preservação dos recursos ambientais e patrimônios culturais das cidades (MINISTÉRIO DA CULTURA).

Inúmeras cidades nos cinco continentes enfrentam períodos de transição, seja em função da globalização ou da desmobilização de seus parques industriais e das mudanças em sua hierarquia urbana. Estes territórios, que necessitam reavaliar seu papel nessa nova configuração investindo cada vez mais numa economia baseada em conhecimento, procuram se renovar em busca de uma estratégia alternativa às suas circunstâncias específicas: lidar com a desindustrialização, com a perda de importância de seus portos, com conflitos sociais e altas taxas de desemprego, com a criminalidade, questões ambientais, baixo índice educacional e de qualidade de vida. A transformação poderá vir com o comprometimento com a inovação e com o reconhecimento de que o futuro depende da geração de novas ideias, criadas em ambientes propícios que incentivem e encorajem a criatividade, capazes de transformá-las econômica e socialmente (BARROS, 2025).

Em 1998, o Departamento de Cultura, Mídia e Esportes do governo britânico listou os 13 setores que considerava com maior potencial econômico no país: publicidade e propaganda, arquitetura, arte, mercado de antiguidades, computadores, videogames, artesanato, design, moda, filme e vídeo, música, artes performáticas, editoração, software e rádio e TV. Esses setores foram definidos como Indústrias Criativas, uma área focada na exploração da criatividade, do talento e das habilidades individuais, com imenso potencial de geração de emprego e renda e de exploração de propriedade intelectual, assim percebidos exatamente pela sua capacidade de expansão do crescimento e dinamismo na sociedade do conhecimento.

A atenção dos governos, sensíveis à essas mudanças, incidirá no aproveitamento de potenciais das Indústrias Criativas para o desenvolvimento das cidades por meio de estratégias de regeneração ou por estratégias generativas. Há pesquisadores que destacam ainda o potencial de contribuição das Indústrias Criativas para políticas de diversidade cultural, inclusão social e desenvolvimento humano, sobretudo na formação dos indivíduos envolvidos em espaços das Cidades Criativas.

Dessa forma, a cultura assume a condição de elemento decisivo na gestão das cidades que passam por transformações para se adequar à realidade das produções imateriais. As mudanças espaciais ultrapassam as dimensões físico-territoriais, incidindo mais diretamente sobre os aspectos culturais locais.

AS CIDADES CRIATIVAS E OS CLUSTERS CRIATIVOS

A partir do aprofundamento dos debates sobre Economia Criativa, estabelece-se um consenso de que esse novo sistema econômico nutre e dá forma e ambiência às cidades, onde, efetivamente, se desenvolvem as relações econômicas e humanas (REIS, 2011), iniciando a formação do conceito de “cidades criativas”, que ressalta a importância da criatividade para a cidade e sua repercussão socioeconômica.

Transportada para a escala urbana, a criatividade pode desencadear transformações a partir da inovação na gestão das cidades e na criação de novos arranjos de governança entre as esferas pública, privada e



sociedade civil, através de políticas, estratégias, modelos e ações que a favoreçam. A cidade, dessa maneira, começará a ser vista também como um polo que passa a atrair talentos e negócios criativos para prosperarem em um espaço urbano que os beneficiem.

Hoje, vários projetos, intervenções e empreendimentos fomentadores das ‘indústrias criativas’, já são facilmente reconhecidos globalmente. “São projetos que (...) pretendem servir comunidades diversificadas, que podem incluir artistas, cientistas, residentes, empreendedores, acadêmicos, investigadores” (FURTADO e ALVES, 2012, p. 134).

No mundo inteiro, áreas e equipamentos específicos das cidades, antigos depósitos, fábricas, docas, mercados, quartéis, entre outros, foram transformados em zonas criativas, centros de cultura, incubadoras, áreas de inovação e empreendedorismo, e polos de regeneração urbana (LANDRY, 2013) e de manifestação da cidadania. Pode-se enumerar diversos exemplos nos cinco continentes, em diversas escalas (cidades, bairros, quarteirões, ruas, edifícios construídos ou reconstruídos, praças, parques, etc.), de iniciativas “em que se procurou promover uma revitalização urbana através do desenvolvimento das indústrias criativas” (FURTADO e ALVES, 2012, p. 134-135).

Estes novos polos (ou centralidades) trazem questões como a renovação urbana, diversidade de usos e a reabilitação do patrimônio edificado, modernizado através da realização de obras nos seus sistemas de infraestrutura (fornecimento de água, energia, lógica, esgotamento sanitário, adaptação e criação de vias, revisão dos sistemas de transportes, etc.), nos seus equipamentos e nos seus espaços urbanos, transformando-os e instigando sua população à valorização e apropriação de seu patrimônio constituído.

Esse ideário de cidade criativa, portanto, impulsiona o novo discurso econômico que traz a cultura à centralidade da pauta urbana, tornando-se ferramenta de recursos econômicos. As políticas culturais passam a ser utilizadas como recurso para renovação tanto econômica como do espaço urbano. As cidades, que já haviam passado por um momento de transformação no período da industrialização, passam agora por um novo ciclo de renovação para se adequarem à produção pautada nos aspectos culturais (WANIS, 2015) e imateriais.

Nesse cenário, se por um lado, um processo de aglomeração de empresas existe em função da necessidade de minimização de seus custos, por outro, as Aglomerações Territoriais ou Arranjos Produtivos Locais “são constituídos pela atuação de agentes econômicos, políticos e sociais que demostram vocação ou são intensivos em um conjunto específico de atividades relacionadas aos setores culturais e criativos”. Essa cooperação, oriunda do modelo *Triple Helix*, ou Hélice Tripla (relação Universidade-Indústria-Governo) promovem educação, informação, pesquisa, treinamento especializado e suporte técnico, além “(...) de receberem o apoio de forças governamentais, que fomentam seu desenvolvimento na forma de incentivos e programas diversos” (PORTER, 1998, p. 108) e, certamente está entre as inúmeras atividades e fatores que formam a gênese do conceito de “Cidade Criativa” (LEITE e AWAD, 2012; MINISTÉRIO DA CULTURA).

Com base na implementação destes novos Arranjos Produtivos, os clusters criativos tendem a provocar transformações significativas no espaço urbano e nos cenários culturais: o território se organiza de um novo modo, com novas demandas e funções específicas. Estes “poderão se aliar a novos arranjos espaciais na construção de novos territórios que agreguem valor de funcionalidade produtiva e urbanística” (LEITE e AWAD, 2012, p. 96). Nesse sentido, urbanistas, economistas e gestores públicos podem especular sobre formas de arranjos em que os grandes gargalos atuais das cidades – como mobilidade e infraestrutura – sejam gradativamente superados. Esses efeitos não são percebidos apenas nos grandes centros, desde que existam condições para o desenvolvimento de setores criativos em qualquer comunidade. Porém, muitas vezes algumas iniciativas se apresentam de forma isolada, sem diretrizes de implantação, sem vínculo com planos diretores municipais ou com políticas mais amplas.



Para os habitantes da cidade, estes polos de criatividade começam a ser visíveis como referências de cultura, tecnologia, formação acadêmica ou boemia (REIS, 2011), resgatando, pela apropriação do seu patrimônio constituído, o sentido de cidadania em sua forma mais plena. Num recorte territorial (pelo forte viés cultural reconhecido), que compreende as cidades de Recife e Olinda, pode-se identificar alguns exemplos, em diversas escalas de iniciativas em que se observa questões como a renovação urbana, a diversidade de usos, a reabilitação do patrimônio construído e de seus equipamentos a partir da implantação das Indústrias Criativas. O caso mais notável é, sem dúvida, o Porto Digital implantado no Bairro do Recife a partir do ano 2000 - iniciativa coordenada (*Triple Helix*) que propiciou a transformação daquela região num dos principais ambientes de inovação do país com iniciativas que contribuem para o crescimento das indústrias criativas na cidade e no estado.

Em 2004, a UNESCO criou o projeto Rede Cidades Criativas, que busca incentivar uma cooperação entre as cidades que primam por uma economia criativa em pelo menos um dos sete campos criativos: artesanato e arte popular; artes midiáticas; design; literatura; gastronomia; cinema; e música. No Brasil, em 2022, 11 cidades foram reconhecidas - entre elas está Recife.

ESPAÇO CRIADOURO, RECIFE

Em 2023, a Prefeitura da Cidade de Recife implantou o programa RECENTRO que visa a manutenção e o desenvolvimento de processos sociais, culturais e econômicos essenciais à transformação urbana sustentável e inclusiva do território do Centro do Recife.

Entre os incentivos dispostos, está a redução da cobrança do ISSQN (Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza) no recolhimento do tributo (na emissão de Nota Fiscal) de 5% para 2% aos prestadores de serviços das atividades constantes no Anexo Único da Lei, dentre as quais, aquelas relacionadas ao mercado audiovisual; fotografia e cinematografia; shows, ballet, danças; espetáculos teatrais; exposições; promoção de eventos e feiras; instituição filosófica e cultural; cursos de dança; escolas de música, teatro, pintura e escultura; turismo; serviços de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo; entre outras. O território de abrangência dessa medida é constituído pelo Bairro do Recife e pelos bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista.

Esses incentivos buscam o desenvolvimento das Indústrias Criativas na região, como estratégia de desenvolvimento social, cultural e urbano, através da implantação de *Clusters Criativos* enquanto concentrações geográficas de empresas de setores diretos e indiretos da Economia Criativa que se interconectam e se reforçam por meio de cooperação, contando também com outros participantes em apoio – como instituições de ensino e pesquisa - formando um sistema dinâmico local com comércio, vida cultural e espaços públicos (RECENTRO, 2024).

Entre algumas iniciativas no âmbito da Economia Criativa, está localizado o Espaço Criadouro, no bairro de Santo Antônio - Centro Expandido do Recife (no icônico edifício Douro, na Rua Ulhôa Cintra, 122) - que abriga empreendimentos fundamentados nos conceitos da Economia Criativa (Figura 1).



Figura 1: Edifício Douro



Fonte: Albérico Paes Barreto Barros, 2025

No Espaço Criadouro, idealizado por Breno Coelho, em 2019 (antes da implementação do Recentro), foram criados diversos ambientes de teor artístico e cultural, como ateliês de arte urbana, de criação e compartilhamento de ideias, de marcenaria criativa, de estampas, tatuagem e outros profissionais que oferecem diferentes serviços interrelacionados (MOURA, 2024).

CASA CRIATURA, OLINDA

A cidade de Olinda atrai pessoas de todo o mundo, por suas belezas naturais, história e cultura. Este “museu a céu aberto” por sua relevância, foi reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO no ano de 1982. Em suas ruas é possível notar uma boemia cultural, enraizada em seus bares e antigas residências que hoje abrigam ateliês, comércio e serviços, formando um cenário importante para a Economia Criativa.

Esses locais reúnem artistas, artesãos e empreendedores em espaços colaborativos, promovendo a troca de ideias e o desenvolvimento de projetos inovadores – raiz dos Clusters Criativos.

Nesse contexto a Casa Criatura, localizada em pleno Sítio Histórico da cidade (Rua de São Bento, 344, Carmo), atua como um hub de criatividade e inovação, proporcionando oficinas, exposições e eventos



culturais que incentivam a economia local e a inclusão social. A presença constante dessas atividades criativas e culturais contribui para uma vivência diária mais rica e participativa, reforçando o senso de identidade e pertencimento dos habitantes e promovendo um desenvolvimento sustentável e inclusivo para esta região da cidade de Olinda.

A Casa Criatura (Figura 2), inaugurada em 2017 pelo casal de arquitetos Isac Filho e Juliana Rabelo possui três frentes: Criatura Lab, que são os laboratórios de inovação; Criatura Arq, que são os projetos de arquitetura focados em inovação, tecnologia, sustentabilidade, coworking, novas formas de existir na arquitetura e projetos expográficos e efêmeros; e Criatura Casa, que engloba os eventos culturais realizados no seu quintal. Dessa forma vislumbram as possibilidades que se apresentam e misturam com esses universos e energias para os problemas impostos, orquestrando essas potências e valores com problemas globais, seja na saúde, ações climáticas e agora com resíduos plásticos.

Figura 2: Casa Criatura



Fonte: Albérico Paes Barreto Barros, 2025

A identificação de aglomerados criativos e a análise detalhada do território podem permitir a formulação de estratégias específicas para fomentar a Economia Criativa no Sítio Histórico de Olinda, fornecendo uma base para futuras iniciativas de planejamento urbano para a cidade. A experiência da Casa Criatura pode servir como modelo para outras regiões que buscam revitalizar seus espaços através da integração de atividades econômicas, culturais e sociais (ALMEIDA, 2024).



POLÍTICAS PÚBLICAS DE FOMENTO À ECONOMIA CRIATIVA

A implementação de políticas públicas mais amplas, que contemplem a estratégia econômica formatada através dos Arranjos Produtivos Locais e, mais especificamente, dos *clusters criativos*, pode funcionar como elemento estruturador do território, fornecendo novas centralidades articuladas e integradas a todo o tecido urbano, permitindo o estabelecimento e o desenvolvimento de transformações positivas nas cidades e, dessa forma, atendendo às diretrizes estabelecidas no Objetivo 9 da ODS - construção de uma infraestrutura resiliente, promoção de uma industrialização inclusiva e sustentável, e o estímulo à inovação.

Cada cidade, com suas particularidades, possui espaços de grande vitalidade que podem integrar um sistema de centralidades que atendam às necessidades de suas comunidades. Porém, principalmente nos países em desenvolvimento, grande parte dessas localidades se caracterizam pela ausência de políticas públicas territoriais e pela falta de aplicação de instrumentos de planejamento e gestão eficazes no uso e ocupação de seu solo urbano e rural.

Para reversão dessa situação, é imperativo que os governos locais, tendo em vista suas peculiaridades políticas, administrativas e de gestão – muitas vezes é no nível regional, da cidade ou do bairro, mais do que no nível da política nacional, onde os impactos mais imediatos se estabelecem – formulem estratégias e ações no sentido de fortalecer os processos de planejamento e gestão do ambiente urbano através da implementação de políticas públicas em torno da geração e requalificação do espaço público, de maneira democrática, humana e específica para cada situação, compreendendo as singularidades das localidades, sua identidade cultural, sua história e vocações econômicas (REIS, 2012; MESSIAS, 2017).

A eficácia dessas políticas depende de uma visão de longo prazo por parte dos agentes envolvidos, asseguradas por uma estabilidade econômica e política. É necessário observar que o estabelecimento de um ambiente criativo, tecnológico e institucional, para que estas políticas se viabilizem, exige uma forte presença do Estado, por meio de investimentos em infraestrutura e em instituições culturais de envergadura, mas, principalmente, como mediador de interesses, pela abrangência das ações que envolvem os diversos campos da sociedade alinhadas com as demandas socioculturais locais.

É nesse cenário onde a implantação dos *clusters criativos* contribuirá para a transformação socioeconômica dos territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a importância da criatividade no desenvolvimento econômico não constitui fato tão novo, a Economia Criativa não constitui um rompimento radical das práticas econômicas “tradicionais”. Porém, a convergência de fatores que contribuíram para transformações na sociedade contemporânea (globalização, novas tecnologias de informação e comunicação, fragmentação das cadeias produtivas, etc.) sugerem a formação de uma nova lógica econômica fomentadora de novas profissões e de novos modelos de organização de negócios sobre valores tangíveis e intangíveis (com ou sem fins lucrativos), respaldada pela expansão do conceito de redes de valor integradas por processos colaborativos, pela valorização das singularidades locais e pelo resgate de uma cultura cidadã. A aplicação dos conceitos de EC e de Indústrias Criativas, a partir de políticas públicas específicas, profundas e duradouras, tendem a transformar as cidades num caminho de sustentabilidade, inclusão, integração social e desenvolvimento econômico (BARROS, 2025).

Resultados econômicos, culturais e sociais são alentadores em países e cidades que se mostraram receptivos e atentos à Economia Criativa em suas políticas públicas. Fica claro porém, que, apesar da implantação de equipamentos “criativos” como elementos de transformação socioeconômica, questões



como o baixo nível educacional especializado e a consequente falta de acesso a empregos qualificados; a carência de conexões (seja pela ausência de internet pública gratuita ou pela dificuldade de transporte público); a concentração de equipamentos culturais de grande relevância num mesmo local; e a ausência ou descontinuidade de políticas públicas setoriais com a implementação de projetos sociais ou de renovação urbana, limitam a capacidade de transformar criatividade em inovação na cidade.

Apesar de o desenvolvimento local não poder ser reduzido exclusivamente à promoção dos clusters, é possível considerá-los como alternativa importante – conforme preconiza as diretrizes do Objetivo 9 das ODS - para a renovação de territórios nas cidades, de forma inclusiva e sustentável, constituindo uma nova estratégia produtiva na “nova” economia do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M^a. L. **Economia Criativa e Reabilitação Urbana: Cenários para implantação de Clusters Criativos em trecho do Sítio Histórico da cidade de Olinda**. 2024. 14 f. Relatório Final de Atividades PIBIC 2023-2024 - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

BARROS, Albérico Paes Barreto. **Recife Cidade Criativa? Um olhar sobre o Porto Digital e o Bairro do Recife**. Recife: FASA, 2025. 154 p.

FURTADO, G.; ALVES, S. Cidades Criativas em Portugal e o papel da Arquitetura: mais uma estratégia a concertar. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, p. 125-140, 2012. Disponível em: <https://www.journals.openedition.org>. Acesso em: 05 mai. 2025.

LANDRY, Charles. **Origens e futuros da cidade criativa**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013. 96 p.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana Di Cesare Marques. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Porto Alegre: Bookman, 2012. 278 p.

MESSIAS, F. **O Pentagrama da sustentabilidade na visão da Economia Criativa: um estudo da Economia Criativa na Austrália, Reino Unido, Argentina, Colômbia e Brasil**. 2017. 241 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/31461/1/2017_FernandaBocornyMessias.pdf. Acesso em: 10 abr. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Relatório de economia criativa 2010: economia criativa, uma opção de desenvolvimento**. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural. Disponível em <http://www.unctad.org/pt/docs/dictab20103.pt.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2025.

MOURA, G. **Economia Criativa e Reabilitação Urbana: Cenários para implantação de Clusters Criativos em trecho do Centro Expandido da cidade do Recife**. 2024. 13 f. Relatório Final de Atividades PIBIC 2023-2024 - Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 9: Indústria, Inovação e Infraestrutura**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/9>. Acesso em: 25 mar. 2025.

PORTER, Michael. **Clusters and the New Economics of Competition**. *Harvard Business Review* 76, n. 6, p. 77-90, 1998. Disponível em <https://www.hbr.org/1990/03/the-competitiveadvantage-of-nations>. Acesso em: 10 abr. 2025.

RECENTRO. **Recentro – Revitalização do Centro do Recife**. Disponível em: <https://recentro.recife.pe.gov.br/>. Acesso em: 25 mar. 2025.



REIS, A. C. F. **Cidades Criativas – análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo.** 2011. 312 p. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade de São Paulo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-08042013-091615/pt-br.php>. Acesso em: 10 abr. 2025.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades Criativas – conexões, inovações e cultura.** 2012. Disponível em: <https://www.cultura.rj.gov.br/curso-gestores-agentes/textos/cidadeshreativas.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

UNICEF BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Ainda é possível mudar 2030.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 25 mar. 2025.

WANIS, A. A economia criativa e o urbanismo culturalizado: as políticas culturais como reuso. **Lugar Comum**, n. 43, p. 117-128, 2015. Disponível em: https://www.uninomade.net/wpcontent/files_mf/142646181400A%20economia%20criativa%20e%20o%20urbanismo%20culturalizado%20-%20Amanda%20Wanis.pdf. Acesso em: 05 mai. 2025.

